

EDUCAÇÃO FÍSICA - SAÚDE: REFLEXÕES TEÓRICO-FILOSÓFICAS

Cláudia Miranda Souza*

RESUMO: Discutimos os princípios teóricos-filosóficos que fundamentam a construção do conhecimento da educação física em saúde. Buscamos identificar as principais vertentes e tendências conceituais e metodológicas na área. Os dados mostram que o modelo positivista representa, historicamente, a base da produção científica existente, tendo como referência abordagens conceituais de disciplinas como a biologia, anatomia e fisiologia, logo, favorecendo para uma compreensão natural e individualizada de homem, saúde e doença.

Palavras chave: Educação física; Saúde.

ABSTRACT: This article discusses the theoretical-philosophical principles which fundaments the construction of knowledge in the field physical education. It tries to identify the main approaches in conceptual and methodological tendencies in the area. The data shows that historically the positivist theoretical model has been the basis of the exiting scientific production, relying on conceptual approaches of biology, anatomy and physiology, favoring then, a natural and individualized understanding of man, health and disease.

Key-words: Physical education and training; Health.

I-PRINCÍPIOS TEÓRICOS-FILOSÓFICOS FUNDANTES DA RELAÇÃO EDUCAÇÃO FÍSICA - SAÚDE

A visão de homem, de mundo e de ciência evoluiu na história conforme as idéias e pensamentos de vários filósofos. Entre eles, Sócrates e Platão,

* Mestre em Saúde Coletiva pela UEFS. Professora Assistente - Departamento de Educação Física/UFBA

na antigüidade; Marx, Engels e Freud, na modernidade; e os mais contemporâneos como Kant, Foucault e Nietzsche. Cada um deles, em um dado momento histórico, procurou compreender, descrever ou explicar os fenômenos da vida e da morte, a partir de várias tendências teórico-filosóficas..

Para Chizzotti (1995, p.12), as tendências filosóficas em pesquisa são caracterizadas em paradigmas envolvendo uma concepção dominante que implica em "*abordagem e processos de seleção de um problema*".

Para este autor, há duas tendências em pesquisa conflitantes neste século. Uma que se insere no paradigma caracterizado pela "*adoção de uma estratégia de pesquisa modelada nas ciências naturais e baseada em observações empíricas para explicar os fatos e fazer previsões*"; outra, que "*advoga uma lógica própria para o estudo dos fenômenos humanos e sociais, procurando significações dos fatos no contexto concreto*"(idem, p.12-13).

Trivinos (1994, p.33-70), aponta três tendências filosóficas que tem predominado na realização da pesquisa em ciências sociais, sendo que cada uma delas possui características peculiares. No positivismo, prevalecem as idéias de que a realidade deve ser considerada por partes isoladas dos fenômenos sociais, a partir de fatos que possam ser observados de forma objetiva, sem nenhum interesse em conhecer as conseqüências de seus achados. Ele afirma que a.. *foi O positivismo lógico que formulou o célebre princípio da verificação onde será verdadeiro aquilo que é empiricamente verificável*". Na fenomenologia estuda-se a essência das coisas (percepção, consciência). Compreende-se o homem e o mundo a partir de sua "facticidade". Procura descrever os fenômenos e não explicar nem analisar. Afirma que todo o universo da ciência é construído do pelo mundo vivido. No marxismo (materialismo dialético e histórico), acredita-se que a.. *a realidade existe independentemente da consciência*". Esse modelo filosófico tem como princípios a matéria, a dialética e a prática social. Não considera os fatos historicamente isolados e acredita que o conhecimento não é uma verdade absoluta, mas sim, graus de conhecimento, limitados pela história. Soma das à estas características, o marxismo estende a

discussão, a luta dos contrários, o princípio da negação e o da totalidade, como elementos básicos na construção do conhecimento.

Estas tendências, historicamente, têm orientado a construção do conhecimento em educação física, sob maior ou menor influência de uma delas em diferentes momentos.

Vários autores apontam que os estudos relacionados à educação física, durante o século XIX até meados do século XX, estruturavam-se, na maior parte das vezes, numa abordagem positivista. Carvalho (1995) e Soares (1994), afirmam que as pesquisas eram realizadas sob a influência da biologia, anatomia e fisiologia humana, disciplinas básicas que compunham o positivismo. Nas últimas décadas deste século, como consequência da evolução das ciências sociais, começaram a surgir estudos em educação física, apoiados pelo método do materialismo dialético, que a partir de visões diferenciadas de homem, de mundo e da própria ciência, refletem as contradições das práticas sociais, dentre essas, a da educação e, em particular, da educação física.

Para Oliveira (1994, p.118), foi a partir dos anos 1980 que se delineiam duas grandes perspectivas para as áreas - educação/educação física, produzindo duas modalidades de estrutura discursiva: a do "consenso", expressa nas teorias positivistas!funcionalistas!sistêmicas e ado "conflito", apoiada na perspectiva marxista e em algumas formulações da sociologia compreensiva.

Segundo Soares (1994), o positivismo representou o alicerce de toda a produção científica ocorrida no século XIX, de forma específica na medicina e na educação física, onde prevaleciam as idéias de que as leis naturais determinavam a estrutura e a organização sociais. Para a referida autora,

...esta abordagem de ciência, calcada nos princípios da observação, experimentação e comparação, é aquela que realizou ao longo dos séculos XVII a XIX aquilo que poderíamos chamar de uma naturalização dos fatos sociais, criando um 'social biologizado' (Soares, 1994, p.11).

Nesse contexto, as áreas da medicina e da educação física deveriam contribuir cientificamente, através dos cuidados com o corpo e com a saúde dos indivíduos, na manutenção da ordem social, como demonstrado por Soares:

Na consolidação dos ideais da Revolução Burguesa, a Educação Física se ocupará de um corpo a-histórico, indeterminado, um corpo anátomo-fisiológico, meticulosamente estudado e, cientificamente, explicado". Devendo também, "incorporar e veicular a idéia de hierarquia, da ordem, da disciplina, da flXidez, do esforço individual, da saúde como responsabilidade individual..." (Soares, 1994:10).

As mudanças ocorridas na sociedade desde o Iluminismo, como por exemplo, a definição dos princípios de solidariedade na Revolução Francesa (Séc. XIX) e, no século atual, a evolução das ciências sociais refletem novos paradigmas científicos em todas as áreas do conhecimento, favorecendo uma reelaboração de idéias sobre homem e mundo, redefinindo conceitos, significados e valores sobre a atividade humana tais como: a produção do conhecimento, o trabalho, a educação, a saúde, o lazer, entre outras. Este novo paradigma coloca em "cheque" as verdades veiculadas pelo modelo hegemônico, ou seja, positivista, incorporadas das ciências naturais. Estas descobertas, originadas em estudos sociológicos ou humanistas, deixam de considerar os elementos biológicos como os únicos determinantes na compreensão da realidade, reconhecendo que fatores de outra natureza (econômica, política e social), influem em todas as situações reais da vida humana.

No âmbito metodológico, as duas ciências, sociais e naturais, começam a se diferenciar basicamente pelo fato das primeiras visarem "*a compreensão interpretativa das experiências dos indivíduos dentro de um contexto em que foram vivenciados*", enquanto que as segundas buscam "*generalizações e descobertas de regularidades*"(Goldenberg, 1997, p.19). Estas últimas, por tratarem de fenômenos de possível simplificação, controla fatores que interferem na sua determinação, para chegar a conceitos ou definições conclusivas. Este processo, tratando-se de comportamento humano, torna-se questionável nas ciências sociais pois, sendo o mesmo, o

resultado de *"múltiplas influências como hereditariedade, meio, impulsos, desejos, memórias, bem como da ação da consciência e da vontade"* se apresenta de forma extremamente complexa, sendo necessário reconhecer as diversas possibilidades de relação entre estes fatores para se chegar a uma compreensão, de antemão relativa e provisória (Aranha, 1993, p.166-171).

Sendo a educação uma atividade essencialmente humana, portanto, social, vem refletindo essas mudanças de paradigma das ciências, quando estudos têm buscado compreender seus valores, sentidos e significados, através de métodos das ciências sociais que problematizam seus objetivos, conteúdos, métodos e fins sociais.

Essas novas abordagens metodológicas sobre o objeto nas ciências sociais influenciaram também, na educação física, o desenvolvimento de trabalhos cuja finalidade era discutir suas bases teórico-filosóficas para, a partir daí, compreender seu papel social. A década de 80 foi sem dúvida, um período rico em reflexões, em que a crítica fundamentada academicamente começou a sedimentar-se provocando um repensar amplo quanto ao papel sócio-cultural dessa área do conhecimento. Estes estudos evidenciaram que a educação física, em sua origem e evolução histórica, se constituía a partir de várias correntes ou tendências filosóficas ¹, onde cada uma delas, transcrevia seu objeto segundo "normas" preestabelecidas, seja a partir da ordem médica (higienista), militar, esportiva ou pedagógica.

Bracht (1989) aponta a década de 80 como um momento significativo de mudanças na Educação e, especificamente na Educação Física, que baseada na crítica à pedagogia tecnicista e ao contexto da sociedade capitalista, passa a se caracterizar como Educação Física Humanista e Revolucionária, respectivamente.

¹ GIDRALDELLI Ir. (1988), identificou cinco tendências na educação física brasileira sendo elas: higienista de base bio-médica (até 1930); militarista, fundamentada nos objetivos e métodos do serviço militar (1930 -1945); pedagógico (1945 -1964); competitivista (pós 1964); e, finalmente, a popular, voltada para os interesses dos trabalhadores a partir da ludicidade e cooperação (1988: 17-34)

Neste processo, considera dois pontos como objeto: a ideologia burguesa e a domesticação do corpo vinculadas à educação física. Diante desta reflexões, o autor, defende que *"é necessário negarmos a oposição entre a educação pelo movimento e educação do movimento em favor de uma unidade dialética: educação pelo, do e para o movimento intermediado com o 'meio ambiente'."* (Bracht, 1989, p.30-31).

Dentre as tendências da educação física citadas anteriormente, observamos que na atualidade algumas delas se mantêm em evidência no campo teórico-filosófico que fundamenta tanto a formação, como a prática profissional da área. Entre elas, observamos com predominância da tendência higienista (biomédica) baseada nos estudos da atividade física e saúde; a humanista e revolucionária, enfocando a cultura corporal no processo pedagógico, principalmente no universo escolar; e a competitivista, alicerçada nos modelos esportivos de ordem econômica capitalista. A primeira delas foi recentemente caracterizada, segundo Pellegrinotti (1998, p.23), como área de conhecimento da *"atividade física e esporte na saúde"*, sendo evidenciada em *"linguagens técnicas e científicas na perspectiva de universalização de conteúdo e métodos que assegurem uma aplicação consensual de objetivos"* tendo em vista sua *"consolidação enquanto ciência"*.

Na formação acadêmica por exemplo, segundo Espírito Santo (1996, p.16), *"o que temos percebido é que referências como desenvolvimento motor e aptidão física relacionadas à saúde têm sido apontadas como objetivos educacionais prioritários da área"*.

Para este autor, *"esta proposta baseia-se na existência de um processo de desenvolvimento hierárquico do ser humano, fundamentado nas características fisiológicas, cognitivas e afetivosociais"* (idem, p.17).

Além destes aspectos, a estrutura curricular dos cursos de educação física, como ocorre na UFBA, por exemplo, tem contribuído também para a predominância de uma abordagem fragmentada sobre o objeto de estudo da educação física, pois, segundo Espírito Santo (1996, p.115), as disciplinas que constituem a grade curricular são distribuídas em blocos com as seguintes referências: *"as disciplinas da área da saúde pertencem*

ao bloco O Ser Humano. As disciplinas da área da educação se encontram no bloco A Sociedade e as disciplinas da área do desporto no bloco As Técnicas".

Com base nesses estudos, percebemos a existência de dicotomias na educação física, baseadas em diferentes tendências filosóficas e metodológicas, que influenciam a delimitação do seu objeto de estudo ora entendido como um elemento intrínseco ao fenômeno bio-físico-psíquico, ora como um processo sócio-educativo-revolucionário. Estas abordagens diferenciadas sobre o objeto, embora tenham promovido um enriquecimento das discussões na área, têm permitido um distanciamento entre os múltiplos campos de atuação desses profissionais, favorecendo uma prática sobre o campo da saúde, galgando princípios tradicionais das ciências naturais, descontextualizada das questões mais gerais das ciências sociais, que implicam uma abordagem crítica sobre o objeto com vistas à definição de uma ação pedagógica comprometida com a realidade social. Por outro lado, tem favorecido uma compreensão de que a cultura corporal não reflete às condições bio-fisiológicas dos seres humanos na relação homem-meio.

11 - BASES CONCEITUAIS QUE INSTITUCIONALIZAM A RELAÇÃO EDUCAÇÃO FÍSICA - SAÚDE

A associação feita entre a educação física e a saúde, já discutida anteriormente vem sendo bastante influenciada pelas ciências médicas, principal mente as especialidades médicas, medicina preventiva e medicina desportiva.

(Gonçalves, 1994). Nesse contexto, convencionou-se relacionar a área da educação física a saúde a partir dos conhecimentos fisiológicos, antropométricos, biomecânicos e cinesiológicos, compreendidos na atividade física com vistas à promoção da saúde ou qualidade de vida.

Baseada nesses conhecimentos da bio-medicina, a educação física tem seguido uma leitura de corpo e saúde, em parâmetros anátomo-fisiológicos e mecanicistas, através de análise clínica (individual) e experimental sobre o objeto, a fim de explicar a relação entre as condições físico-motoras com o processo saúde-doença.

A relação, nesta perspectiva, se dá por expressões do tipo atividade física e aptidão física.

O termo atividade física frequentemente utilizado na educação física, foi conceituado pela Organização Mundial de Saúde - OMS, como "um movimento produzido corporalmente pela musculatura esquelética o qual se transforma em energia expandida" (Gonçalves, 1993, p.18). E a aptidão física relacionada à saúde, enquanto abordagem mais evidente nesta área, estaria associada "*à capacidade de realizar as atividades do cotidiano com vigor e energia e demonstrar traços e capacidades associadas a um baixo risco para desenvolvimento de doenças crônico-degenerativas*. Dessa maneira, incluiria os componentes da aptidão cardiovascular, força, resistência muscular, flexibilidade e composição corporal (Pitanga, 1998, p.17).

Os estudos, nesta abordagem, se utilizam, de modo geral, de elementos metodológicos centrais da medicina desportiva e da fisiologia, visando identificar fatores estruturais e comportamentais condicionados à prática da atividade física em relação à saúde-doença. Procuram, assim, reconhecer os determinantes dessa relação, tendo como referência a dimensão individual e não a social (Loureiro, 1997). Neles, são discutidas as inter-relações entre atividade física, aptidão física, esporte e programas de saúde enfocando os fatores de risco na origem e distribuição de doenças de grupos específicos como atletas, crianças, idosos e trabalhadores (Florindo, 1998; Pellegrinotti, 1998; Gobbi, 1997).

Nestes estudos, predominam ainda os enfoques sobre os comportamentos dos indivíduos, utilizando-se métodos quantitativos, objetivando enumerar índices de prevalência ou incidência de certas patologias e as características dos indivíduos que apresentam ou não o problema (Uchôa, 1994, p.497). Em educação física, em geral, objetivam caracterizar a fase de transição demográfica (Almeida, 1995) e epidemiológica dos nossos dias, "*associadas às transformações socioeconômicas do país, caracterizadas pelo aumento da expectativa de vida, pelo processo de industrialização e pela urbanização acentuada*" (Gonçalves, 1997, p.36), evidenciando as doenças degenerativas e destacando a falta de atividade física, como fator importante para esse

grupo de doenças. Buscam, também, evidenciar os fatores que dificultam a implantação de programas de atividades físicas generalizadas para as populações. (Oliveira, 1995, p.30).

Em Gonçalves (1994, p.35-37), encontramos os principais enfoques desses estudos em quatro correntes hegemônicas, ligadas através da aptidão física ao segmento da educação física que se relaciona à saúde, sendo elas: o da medicina desportiva, caracterizado pela descrição de procedimentos especializados; o da biomecânica, cinesiologia e fisiologia, que centram sua atenção nos aspectos estruturais, funcionais e técnicos do movimento humano; o de controle das doenças, que procura entender a relação aptidão física e saúde, a partir de eventos condicionais de natureza comportamental, vinculados aos hábitos de vida dos indivíduos; e, por último, o da epidemiologia, pouco frequente em nosso meio, que trata de entender a aptidão física no âmbito da saúde coletiva.

Segundo este autor, referindo-se aos enfoques da medicina desportiva e bio-fisiológicos,

se constata que os conceitos de saúde e atividade física se restringem aos aspectos específicos das junções orgânicas e movimentos previamente determinados, aproximando-se muito mais dos estudos clínicos e de laboratório, sem relação direta com o coletivo (idem, p. 36).

Sobre o controle das doenças, descreve sua limitação, quando *"atribui a responsabilidade social aos indivíduos"*; e, sobre o enfoque epidemiológico, comenta que *"ainda não se observa uma relação direta entre uma maior aptidão física e uma melhor saúde"*, entretanto não são medidos esforços para demonstrar que grupos mais ativos têm uma menor incidência de enfermidades (ibidem, p.36).

Segundo Gonçalves et al (1997, p.68), ainda é escasso a aplicação de estudos epidemiológicos que investigam os transtornos em torno dos problemas de morbi-mortalidade e sua conexão com as ciências de esporte, voltados para a organização social. Ele defende a adoção desta abordagem pois, ela *"permite ir as causas do transtorno social e explicar ainda os efeitos entre os fatores biológicos e comportamentais"*, utilizando métodos que levam a produção do conhecimento de forma diferenciada aos modelos tradicionais cujas características são:

- 1) embora verdadeiro, não propicia explicações sobre os efeitos de uma situação "causal";
- 2) não permite soluções integrais que abarquem toda a sociedade, sendo possível prevenir apenas alguns efeitos (u.), originados em causas cujas dimensões mais gerais continuam inexplicadas;
- e 3) permanece limitado à intervenção individual.

Podemos destacar ainda sobre os estudos epidemiológicos que tratam das questões relativas à prática de atividades físicas/esportivas e a saúde-doença, que eles têm se fundamentado, em grande parte, em trabalhos estrangeiros, especialmente àqueles realizados nos Estados Unidos, onde a realidade é diferente do nosso país, considerando questões políticas, econômicas, culturais e ambientais. Os autores justificam o interesse por esses estudos no processo de envelhecimento da população brasileira, associado à evolução de doenças crônico-degenerativas, que são consideradas, portanto, como a principal causa de morte na atualidade. Em relação à população brasileira, os estudos obscurecem os principais Índices de morbimortalidade referentes à infância e aos adultos jovens pois, segundo Minayo et alli (1986, pai), "*cerca da metade das causas de morte de nossa população entre 5 a 39 anos são as chamadas "causas violentas" ou externas, como: homicídios, acidentes de trânsito e acidentes de trabalho*". Isto, considerando os dados existentes nas capitais brasileiras, pois, em nosso país, a maioria dos municípios não informa as causas de óbitos, principalmente àqueles situados na região norte-nordeste. Evidenciamos também com esses estudos a carência de uma abordagem social da saúde em educação física, baseada em dados qualitativos, que revelem a determinação exercida pelos "contextos sociais e culturais" (Boltanski, 1979), na construção do seu objeto de estudo, interferindo diretamente na definição de novas propostas metodológicas, substanciadas numa dimensão social e não, exclusivamente, individual, superando ainda, a dicotomia entre estudos quantitativos e qualitativos, favorecendo a adoção de uma abordagem inter, multi e transdisciplinar no campo da educação física associada à saúde que tenha como pressuposto a interação homem-meio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M. A. de. *A atividade física na prevenção das doenças degenerativas: sua importância na situação demográfica brasileira. Synopsis*, Curitiba, UFPR, Departamento de Educação Física, v. 6, n.6, p.38-49, 1995.
- ARANHA, M. L de A., MARTINS, M. H. P. *Filosofando: introdução à filosofia*. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1993.
- BOLTANSKI, L. *As classes sociais e o corpo*. Tradução de Regina A. Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- BRACHT, v., Educação física: a busca de uma autonomia pedagógica. *Revista da Educação Física*. Maringá, PR: Universidade Estadual de Maringá, v.1, n.1, p.28-33, 1989.
- CARVALHO, Y M. de C. *O mito da atividade física e saúde*. São Paulo: Hucitec, 1995.. A relação saúde/atividade física: subsídios para sua desmitificação. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v.14, n.1, p.1993.
- CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- ESPÍRITO SANTO, F. R. *Currículo e formação profissional em educação física na UFBA: em busca de uma nova proposta*. Salvador: 1996. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia.
- FLORINDO, Alex Antonio. *Educação física e promoção em saúde*. *Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde*, Londrina, v.3, n.1, p.84-89, 1998.

- GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. *Educação física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira*. São Paulo: Loyola, 1988.
- GOBBI, Sebastião. Atividade física para pessoas idosas e recomendações da Organização Mundial de Saúde de 1996. *Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde*, Londrina, v. 2, n 2, p.41-49, 1997.
- GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. São Paulo: Record, 1997.
- GONÇALVES, A., MONTEIRO, H. L. Salud y actividad física: evolucion de las principales concepciones y practicas. *Ciencias de la Actividad Física*, v. 2, n 3, p.33-45, enero/junio, 1994.
- GONÇALVES, A., MEDINA, J. P. S. et al. *Saúde coletiva e urgência em educação física*. Campinas: Papirus, 1997.
- GONÇALVES, A. A contribuição da epidemiologia da atividade física para a área da educação física/ciências do esporte. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v.17, n 2, p.161-166, 1996.
- Múltiplas alternativas na relação saúde-educação física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v.14, n 1, p.17-21, 1993.
- LOUREIRO, R., DELLA FONTE, S. A ideologia da saúde e a educação física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v.18, n 2, p.126-132, 1997.
- MINA YO, M. C. et al. *A saúde em estado de choque*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- OLIVEIRA, P. R. de., A educação física e a falta de saúde: tabagismo, drogas, alcoolismo, deficiência física e reabilitação. *Revista da Educação Física da UEM*, Maringá, v.1, s.n., p.33-35, 1989.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Relatório da Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde. *Cuidados primários de saúde*. Fundo das Nações Unidas para a Infância. Alma-Ata, URSS, 1978.